



Academia Pernambucana de Medicina Veterinária

INFORMATIVO

APMV

Ano 5, nº 1, janeiro a junho de 2016

PREMIAÇÃO NO ANIVERSÁRIO DA ACADEMIA



Em cumprimento aos seus ditames acadêmicos, a APMV escreveu mais uma importante página de sua jovem história. Durante reunião solene realizada no dia 17 de junho, passado, a Academia celebrou o 15º aniversário de sua fundação no Auditório Professor Christovam de Souza do CRMV-PE. Como de costume, a solenidade foi prestigiada pelas outras

entidades representativas da Medicina Veterinária Pernambucana, a exemplo de CRMV-PE, SPEMVE e SIMEVEPE.

A solenidade acadêmica também contou com as prestigiosas presenças dos doutores José Augusto Bastos Afonso da Silva e Carla Lopes de Mendonça, colegas do Professor Nivaldo de Azevedo Costa na equipe técnica da Clínica de Bovinos de Garanhuns da UFRPE e os familiares e amigos do homenageado, o qual muito orgulhoso passou a ostentar a medalha e o diploma alusivos ao Prêmio Santo Eliseu.



Nesta edição seguimos registrando mais uma série de atividades que fazem parte dos ritos acadêmicos da APMV. Durante as plenárias mensais, acadêmicos e técnicos convidados tem partilhado conversações sobre temas de relevância para a saúde pública e a pecuária regional, tais como, a epidemiologia e o controle do mormo e de outras doenças dos rebanhos, o recrudescimento das arboviroses que grassam em Pernambuco, a grave crise enfrentada pela pecuária leiteira no Agreste, dentre outros problemas de grande interesse para a Medicina Veterinária.

A nova concessão do Prêmio Santo Eliseu a colega que tenha se destacado por relevantes serviços prestados à profissão foi mais uma dessas realizações. Nesta edição de 2016, o distinguido foi o Professor Nivaldo de Azevedo Costa, cuja reconhecida atuação profissional em Garanhuns representa um exemplo para as novas gerações de profissionais.

Com imenso pesar, estamos noticiando uma grande perda para o quadro acadêmico da APMV. O lutuoso falecimento do saudoso Colega e Confrade Jorge Mendes de Lacerda deixa a Cadeira nº 01 da Academia temporariamente sem o Titular e ficará sempre marcado em nossa memória.

Os artigos veiculados no Informativo contemplam temáticas diversas de interesse regional, tais como, a problemática vivenciada pela pecuária leiteira em Pernambuco, o consumo do tradicional charque e a (in) viabilidade da região do semiárido nordestino.

Fechando a edição, divulgamos às publicações de dois eminentes colegas que marcaram a história da Medicina Veterinária, em diferentes momentos e áreas de atuação. Os livros **O poste de cozumel e Do Brasil colonial à república do Piauí**, dos Médicos Veterinários Milton Thiago de Mello e Odon Antão de Alencar, representam uma significativa contribuição de ambos para a historiografia da profissão e do Nordeste brasileiro.

Expediente

Diretoria

Hélio Cordeiro Manso Filho
Presidente
Paulo José Elias Foerster
Secretário Geral
José Alberto Simplicio de Alcântara
Tesoureiro
Mabel Hanna Vance Harrop
Diretora de Biblioteca e Arquivo
Maurício Bandeira Castelo Branco
Diretor de Patrimônio

Conselho Fiscal

Titulares
Rafael de Souza Guedes Filho
Marcelo Weinstein Teixeira
Áurea Wischral
Suplentes
Mabel Hanna Vance Harrop
Murilo Salgado Carneiro
João Pessoa de Souza

Comissões Permanentes

Resgate Histórico

Pedro Marinho de Carvalho Neto
Paulo José Elias Foerster
José de Carvalho Reis

Admissão

João Pessoa de Souza
Mabel Hanna Vance Harrop
Maurício Bandeira Castelo Branco

Cerimonial

João Emílio Cruz
Alberto Simplicio de Alcântara
Paulo Ricardo Magnata da Fonte

Científica

Roberto Soares de Castro
Áurea Wischral
Marcelo Weinstein Teixeira

Editoração e Difusão Cultural

Tomoe Noda Saukas
Alberto Neves Costa
Késia Alcântara Queiroz Pontual

Conselho Editorial

Alberto Neves Costa - Editor
Acadêmicos da APMV

Diagramação

Gleudson Passos de Souza
Periodicidade: semestral
Endereço: Rua Conselheiro Theodoro, 460
Zumbi, Cep 50711-030 Recife - PE -
Fone: (81) 3797.2517 Fax: (81) 3797.2523

APMV comemora Aniversário de Fundação



A comunidade acadêmica da APMV reuniu-se no auditório do CRMV-PE para celebrar o seu 15º aniversário de fundação. A festividade foi realizada no dia 17 de junho, último, e contou com a presença de acadêmicos, das Presidentes do CRMV-PE, Dra. Erivânia Camelo de Almeida, e da SPEMVE, Dra. Márcia Maria de Souza Belo, além do homenageado com o Prêmio Santo Eliseu



2016, o Professor Nivaldo de Azevedo Costa, seus familiares e convidados. Cumprindo o ritual acadêmico que permeia as solenidades anuais da Confraria, os convivas mais uma vez se confraternizaram e aplaudiram os feitos e a jovialidade reinante entre os acadêmicos.

Para além dos registros históricos sempre presentes nas cerimônias deste sodalício, há que se enfatizar os momentos de emoção que marcaram a outorga do Troféu Santo Eliseu. A saudação ao homenageado coube ao Acadêmico Pedro Marinho de Carvalho Neto, que por uma feliz coincidência foi colega de turma do Professor Nivaldo Costa no curso de Medicina Veterinária da UFRPE, o que motivou lembranças dos idos tempos que compartilharam no saudoso campus de Dois Irmãos. Em seus emocionados agradecimentos, o detentor da insígnia relembrou a trajetória familiar na lide com as atividades agropecuárias, as motivações para se tornar um Médico Veterinário, bem como enalteceu o amor incondicional à família e a profissão que vem exercendo com grande dedicação durante décadas na respeitada Clínica de Bovinos de Garanhuns.

Professor Nivaldo Azevedo Costa distinguido com o Prêmio Santo Eliseu

A APMV prestou uma justa homenagem ao Coordenador da Clínica de Bovinos da UFRPE, em Garanhuns. A concessão do Prêmio Santo Eliseu ao Professor Nivaldo Costa, durante solenidade realizada no dia 17 de junho, passado, representa o reconhecimento da Academia ao trabalho pioneiro e incansável deste Colega que, junto com uma plêiade de abnegados médicos veterinários, vem contribuindo para elevar o padrão sanitário e o



Após a merecida premiação, o Prof. Nivaldo Azevedo Costa posou, emocionado, ao lado da esposa, Gleide e dos filhos Paloma, Raiana e Igor

desempenho da pecuária leiteira no Agreste Meridional do nosso Estado. Como bom filho de Bom Conselho e arraigado às questões da terra e da pecuária, o nosso homenageado tem contribuído para a melhoria da cadeia produtiva do leite e o bem-estar dos produtores rurais. Sua trajetória profissional está permeada por contribuições técnico-administrativas valiosas, uma vez que além de além de ter sido o primeiro diretor administrativo da Unidade Acadêmica de Garanhuns e atual Coordenador da Clínica de Bovinos da UFRPE, também foi Secretário de Agricultura e de Governo e Ação Social de Garanhuns. Some-se a isso a sua expressiva liderança e colaboração com os órgãos de classe, que lhe permitiu ser agraciado com o Prêmio Professor José Wanderley Braga, honraria concedida pelo CRMV-PE.

Semana do Médico Veterinário

O CRMV-PE elaborou uma abrangente programação técnico-científica, para contemplar diferentes áreas de atuação do Médico Veterinário, inclusive, algumas especialidades tidas como emergentes, tais como, terapia celular, conservação da fauna e sistema único de saúde. Além de palestrantes de várias instituições locais (UFRPE, CPqAM/FIOCRUZ, ANCLIVEPA), algumas palestras serão ministradas por especialistas de outros estados (Bahia, Minas Gerais, Paraíba e São Paulo). Durante os dias 8 e 9 de setembro o auditório Professor Christovam Colombo de Souza será palco de várias mesas redondas: "Tópicos de Virologia na Medicina Veterinária, Segurança Alimentar dos Produtos de Origem Animal, Inovações Terapêuticas e Tecnológicas na Clínica de Pequenos Animais, Medicina Veterinária Aplicada aos Animais Silvestres, Avanços nas Biotécnicas Reprodutivas em Pequenos Ruminantes e O Médico Veterinário no Sistema Único de Saúde (SUS)". Coroando as comemorações da Semana do Médico Veterinário, o CRMV-PE vai outorgar o Prêmio Professor José Wanderley Braga ao ilustre e querido Professor Glênio Cavalcanti Barros. A programação completa do evento pode ser consultada no sítio eletrônico do Regional: www.crmvpe.org.br

Professor FREDERICO CELSO LYRA MAIA

O nosso entrevistado é natural do Recife, onde nasceu em 15 de junho de 1954, como sendo filho de Ruy Lima Ferreira Maia e de Maria de Lourdes Lyra Maia. Concluiu o curso de Medicina Veterinária em 1979 na Universidade Federal Rural de Pernambuco. Em 1982 realizou curso de especialização patrocinado pelo Ministério da Agricultura (M.A.) na Universidade Federal Fluminense. Depois obteve o título de mestre em Patologia Animal na Universidade Federal de Minas Gerais (1990) e Doutorado na Universidade Federal Rural de Pernambuco (2003). Tanto no LANAPA/MA quanto na EMBRAPA (Centro Nacional de Pesquisa de Gado de Leite) foi responsável pela implantação do Laboratório de Patologia Animal. Na UFRPE exerceu diversos cargos, iniciando como Professor Assistente a alcançando recentemente o de Professor Titular. Ocupou também a diretoria do Departamento de Medicina Veterinária da mesma universidade. Foi distinguido com alguns prêmios e agradecimentos concedidos pelo CRMV/PE por relevantes serviços prestados à Medicina Veterinária e à Zootecnia de Pernambuco, pelo Ministério da Educação por serviços prestados, além do título de Sócio Benemérito conferido pela Sociedade Pernambucana de Medicina Veterinária.

Informativo APMV - Gostaríamos que descrevesse como foram seus bons tempos de estudante de Medicina Veterinária na UFRPE. Quais foram os professores que mais contribuíram com a sua formação profissional?

Naquela época se vivenciava com mais intensidade a UFRPE. Havia muitas dificuldades, mas também havia uma atmosfera de muita esperança e crença num futuro melhor. As turmas eram grandes e preenchidas principalmente por colegas do interior. Isso nos proporcionava uma convivência muito rica do ponto de vista cultural e pessoal. Havia cursos, aulas práticas de campo, torneios de várias modalidades de esportes, etc.

Ao longo do Curso de Veterinária na UFRPE, tive excelentes e marcantes professores em especial a Prof^a. Maria Ignez Cavalcante, Prof^a. Tomoe Noda Saukas, Prof. Alberto Neves Costa, Prof. Adauto Cavalcanti da Silva, Prof. Sebastião José do Nascimento, Prof. Marcos Antônio Lemos de Oliveira, Prof^a. Ivone Holanda, Prof^a. Lúcia Pires Travassos e Prof. Mário Martins Menezes.

Informativo APMV - Quais foram as suas vivências profissionais mais marcantes após ingressar no mercado de trabalho? O que motivou sua escolha pela carreira de professor universitário e sua opção pela área de Patologia Veterinária?

Na verdade, as três experiências profissionais que tive ao longo da minha vida profissional, embora distintas, foram extremamente importantes na minha formação. No LANARA/Ministério da Agricultura iniciamos trabalhando com a peste suína africana que naquela época assolava o país. Em seguida, passamos a trabalhar com várias

outras doenças que atingiam o rebanho nacional. Na Embrapa/Gado de Leite vivenciamos mais especificamente os problemas dos rebanhos leiteiros. Em ambos os locais, aprendi muito e isso me proporcionou o bom embasamento para minhas atividades na Universidade. Minha opção pela patologia ocorreu desde a metade do curso de Medicina Veterinária. Já a escolha de ser professor universitário decorreu de dois fatores importantes. O primeiro deles é que desde a época de estudante eu admirava muito alguns de meus professores.



Outra razão foi uma condição natural, ou seja, quando se adquire uma considerável quantidade de conhecimentos em determinado assunto, é natural que se sinta uma vontade interior de se repassar esses conhecimentos. Essa é uma condição, creio eu, que vem desde a pré-história. Os conhecimentos vêm a milhares de anos sendo repassados desta forma.

Informativo APMV - Na sua opinião quais foram os grandes mestres e escolas que mais contribuíram com os avanços nos estudos de Patologia Veterinária e na formação do Médico Veterinário, tanto nos cursos de graduação quanto de pós-graduação no Brasil?

Na Universidade Federal Rural de Pernambuco sem dúvida alguma devemos render homenagem especial a Prof^a. Maria Ignez Cavalcanti. Na Universidade Federal Fluminense (RJ) destacou-se o ilustre e inesquecível Prof. Jefferson Andrade dos Santos e seus colaboradores, os Professores Eulógio Carlos Queiroz, Rogério Tortelli e Maria Isabel Rossi. Na Universidade Federal de Minas Gerais destacamos os Professores Hilton Girão, Vera Alvarenga Nunes e Ernane Fagundes do Nascimento.

Os professores referidos anteriormente são fruto de nossa maior convivência pessoal, mas não devemos esquecer que muitos outros ilustres mestres de outros Estados brasileiros como São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Goiás, dentre outros, também merecem citação aqui.

Informativo APMV - Que avaliação pode ser feita neste momento sobre a qualidade do ensino de Patologia ministrado nos cursos de Medicina Veterinária?

Algumas escolas evoluíram muito. Podemos citar as de Belo Horizonte (UFMG) e as de São Paulo (USP e UNESP) como bons exemplos. Bons professores e boas condições de trabalho, incluindo aulas práticas, são imperiosas para tal fim. No entanto, na maioria das vezes só temos uma destas condições. Outro fator desafiador e

inquietante é o perfil do aluno atual. Salvo melhor juízo, os alunos em sua grande maioria carecem de estímulos próprios e sentem grande necessidade de aulas mais dinâmicas, estimulantes e criativas. Este perfil é consequência do mundo atual, onde há excesso de estímulos, especialmente audiovisuais e tecnológicos, somados aos vários estímulos externos atrativos e agradáveis. Adequar e introduzir os conhecimentos de patologia de forma a despertar a atenção e o interesse deste aluno não é uma tarefa fácil de conseguir.

Para Melo-Júnior et al. (2007) é certo que todo esse processo demanda um esforço maior, mas o professor deve gerenciar esta questão estabelecendo o conteúdo programático mínimo e essencial da disciplina de Patologia, para o curso em foco. A questão-chave é criar no processo de ensino da patologia o hábito de estabelecer "conexões teórico-práticas", capacitando os alunos a buscarem informações, onde quer que existam, para utilizá-las nas situações-problema que possam vir a enfrentar. Um bom exemplo de como equacionar esta dificuldade é o uso da criatividade, utilizando métodos motivadores e a discussão de problemas concretos, como o estudo de casos anátomo-clínicos. Nesta modalidade de aula, os tradicionais conteúdos são apenas um dos elementos do processo de aprendizagem.

Informativo APMV - Considerando que o Senhor já atuou como gestor numa universidade pública, como avalia o papel que as Instituições de Ensino Superior devem cumprir para uma melhor formação dos futuros profissionais?

A principal preocupação deve ser buscar adequar e aparelhar a instituição no que se refere à sua base física, acompanhada de reais e atuais condições tecnológicas. Outra preocupação básica e não menos importante é despertar e capacitar todo seu corpo técnico para formar profissionais capacitados e integrados com o momento tecnológico e de desenvolvimento do país. Profissionais

competentes, capazes de resolver os graves problemas de nossa pecuária, criativos e com capacidade empreendedora marcante deve ser o claro objetivo de nossas instituições.

Informativo APMV - Que memórias guarda de sua participação ativa nos órgãos de classe em Pernambuco? E que importância atribui ao trabalho de muitos colegas que tem se dedicado aos ideários da profissão?

Em verdade, guardo com muito carinho os muitos bons momentos vividos quando de nossa contribuição à esses órgãos. Foram congressos, seminários, encontros técnicos, reuniões e várias viagens ao interior de nosso Estado. A constatação de que esses eventos são de valor inestimável para os colegas do campo, a forma como eles nos recebem e as experiências trocadas nestas ocasiões, tudo isso nos traz uma sensação imensa de satisfação com nossa profissão. Muitos colegas dedicaram muito de suas vidas aos ideais da nossa profissão e eles merecem todo nosso respeito e agradecimento. Hoje Pernambuco tem um dos melhores CRMVs do Brasil.

Informativo APMV - Finalmente, considerando que o Senhor foi alçado, recentemente, ao ápice de sua vitoriosa carreira universitária, na qualidade de Professor Titular do Departamento de Medicina Veterinária da UFRPE, que mensagem poderia transmitir aos seus alunos e futuros colegas?

Minha mensagem é de otimismo. Nossa profissão é das mais bonitas, necessárias e importantes do mundo. Dificuldades existem, mas existem em todas. Acho que o grande segredo é descobrir dentro da Medicina Veterinária qual área é a que se gosta. Quando se gosta do que se faz, não se trabalha um dia sequer... e o sucesso financeiro (e pessoal) será apenas e certamente consequência disso. Desejo a todos um brilhante futuro.

In memoriam



Acadêmico JORGE MENDES DE LACERDA *18.06.1932 + 12.03.2016

Constitui momento de grande pesar registrar o obituário de um saudoso colega e amigo que tanto se dedicou a profissão médico-veterinária. O encantamento do nosso confrade Jorge Lacerda, figura que se notabilizou pelo espírito jovial, companheirismo e solidariedade, deixou uma grande lacuna em nossa convivência acadêmica, mesmo com sua rápida passagem pela Academia. Guardaremos em nossa memória relatos de sua vitoriosa trajetória na Medicina Veterinária, cuja atuação dentre os pioneiros da profissão em Pernambuco resultou na prestação de relevantes serviços ao Ministério da Agricultura, a iniciativa privada e aos órgãos de classe. Na convicção de que o nosso pranteado Acadêmico Jorge Lacerda honrou os seus compromissos profissionais com dedicação, zelo e competência, cumpre aos confrades da APMV manifestar solidariedade à família e aos muitos amigos ainda muito saudosos pela sua partida para o repouso eterno.

HISTÓRIA QUE NÃO ENGRANDECE A ATIVIDADE LEITEIRA

Méd. Vet. Warner Silva, CRMV-PE nº 0165*

Certa vez um grupo com cerca de uma centena de extensionistas rurais reuniram-se com o objetivo de reivindicar aumento salarial e melhores condições de trabalho. Estavam decididos, ou isso, ou através do sindicato de classe, pleitear que fosse decretada greve geral da categoria e por tempo indeterminado. Elegeram entre eles aquele que seria o condutor da assembleia, e esse no afã de justificar o porquê de sua escolha e mais ainda, sabedor presencial do fraco desempenho daqueles postulantes, teve a infeliz ideia de iniciar a reunião sabatinando ao acaso seus pares, arguindo-os naquilo que se relacionasse com a atividade leiteira, e fazendo perguntas aleatórias, assim:

- O que é, e qual a função da IN 62 do MAPA?

- Porque a água é um alimento tão essencial para a produção de leite?

- O que é BEM Balanço Energético Negativo em uma vaca de leite?

- O que é imunossupressão?

- O que é I G imunoglobulina?

- O que é DEL Dias de produção de leite?

- O que é BAS Complexo: Anaplasma, Babésia, Salmonela e o que provoca?

- O que é B S T Somatotropina e para que serve?

- O que é ocitocina exógena e para que serve?

- O que é TMR ração integral?

- O que é ração aniônica e quando se deve empregá-la?

- O que são colostrômetros, para que servem e como utilizá-los?

- Qual a quantidade de ingestão de MS (matéria seca) para uma vaca produzir um litro de leite?

- O que é sucedâneo do leite e porque usá-lo?

- Qual o ganho de peso diário ideal para uma bezerra, futura produtora de leite?

- O que é SARA acidose sub-clínica?

- O que é DENCH e quando se deve usá-lo?

- O que é FLUSHING e onde usá-lo?

- O que é SCRETCHER e porque usá-lo?

- O que são COMPOST BARN e FREE STALL e para que servem?

..... e por aí foi.

Diante de desconfortos provocados pelas intempestivas inquirições aos presentes, aonde alguns dos arguidos chegavam a dizer que nunca ouviram falar em algo que lhes foi perguntado, o amostrado dirigente da assembleia encerrou a sabatina, voltando ao tema motivo da reunião, ou seja, pleitear aumento salarial e de melhores condições de trabalho, não sem antes confortar seu ego, fazendo a pergunta muito em voga e de conhecimento entre aqueles ligados às ciências agrárias ou ao AGRO. Dessa vez não houve escolha e a pergunta foi estendida a todos os presentes, assim:

- Porque caprinos/ovinos comem capim e defecam "bolinhas" que nem

azeitona preta?

- Porque equídeos comem capim e defecam "bolotas" que nem Cup Cakes

e/ou brigadeiro de chocolate?

- Porque bovinos comem capim e defecam "bosta pastosa" que nem

chapéu de couro?

Pelas respostas, as vezes estapafúrdias, que bem demonstraram o nível técnico dos seus pares e, mediante os avanços que vem ocorrendo na moderna pecuária leiteira de outras regiões do País, o dirigente da assembleia, sem externar de público seu pensamento, concluiu: para

avancarmos na atividade leiteira em nosso meio não basta melhoria de salário e de condições de trabalho. Precisamos urgentemente de melhoria e conhecimentos profissionais. Ou isso, ou continuar vendo progresso na atividade leiteira chegando às outras regiões do País e nós aqui sem conhecer nem ao menos o perfil do produtor de leite: quantos são, onde estão, quanto produzem, como produzem, a que custo produzem, para que produzem etc. Enfim, todos nós acomodados, estamos sabendo que o produtor de leite em quase toda a totalidade, não tem espírito associativo, não tem liderança de classe, não recebe assistência técnica condizente com a complexa atividade que exerce. Isso não é de agora. Faz muito tempo que a Cadeia Produtiva do Leite em Pernambuco carece de assistência efetiva por parte de nossos dirigentes. Enquanto isso, nós, culpados involuntários, de braços cruzados ou virando as costas para a realidade, assistimos passivamente, as "vacas indo pro brejo".

*Esta história fictícia com cunho de verdade foi narrada por este ilustre técnico aposentado do Ministério da Agricultura que exerceu os seguintes cargos: Presidente da Cooperativa Agropecuária e Diretor Presidente da Garanhuns Industrial S.A. (GISA), Presidente da Cooperativa Central Agrícola de Pernambuco Ltda. e da Associação das Indústrias de Laticínios do Nordeste Brasileiro, Diretor Presidente da Companhia de Industrialização de Leite de Pernambuco (CILPE), Presidente da Sociedade Nordestina dos Criadores e Diretor Executivo da Sotave Nordeste S.A., cujos méritos o distinguiram como laureado com o Troféu Santo Eliseu da APMV, no ano de 2008.

CONSUMO ATUAL DO CHARQUE E SIMILARES

Paulo José Elias Foerster, Médico Veterinário e Acadêmico Titular da APMV

Apesar das diferentes crises econômicas e sociais vivenciadas no Brasil, o charque sobreviveu através dos séculos e experimentou inúmeras modificações na matéria prima, no processo produtivo e no mercado consumidor. No passado, toda carne do bovino era transformada em charque. Na atualidade, o traseiro onde se localiza os cortes nobres (coxão mole, coxão duro, alcatra, contrafilé etc.) é comercializado in natura, em razão do preço praticado no mercado consumidor ser mais atraente e permitir uma variedade imensa na culinária. O restante da matéria prima, chamada carne de segunda (dianteiro e ponta de agulha) é direcionado para a fabricação do charque. Vale acrescentar que boa parte desses cortes é também destinada à produção de conservas, embutidos e, mais recentemente, para jerkedbeef.

A conservação das carnes pelo frio industrial e residencial, o seu consumo de forma industrializada, e a substituição por outras carnes, como a de aves, que são mais baratas, em razão do processo produtivo de alta escala, fizeram com que o charque e a própria carne-de-sol fossem substituídos, paulatinamente, da mesa do consumidor brasileiro, inclusive nas camadas mais pobres da população.

O charque, produto genuinamente brasileiro, deixa de ser alimento básico para as classes menos favorecidas e passa a participar apenas da culinária brasileira em pratos típicos como feijoada, escondidinho de charque, arrumadinho, bolinho de charque etc.

No período de 1933 a 1937, o Rio Grande do Sul produzia cerca de 57% do total do charque brasileiro, diminuindo para 41,9% em 1940, cabendo 56,5% da produção ao chamado Brasil Central. O mesmo percentual de produção do Rio Grande do Sul declinou para 17,8% em 1959, elevando o percentual do Brasil Central para 76,7% e cabendo a São Paulo a liderança em 1959. No final da década de 1950, o Rio Grande do Sul perdeu a liderança da produção do charque para a região central do Brasil.

A produção brasileira do charque nos diferentes períodos foi de 122.652t em 1977, 128.844t em 1982, 122.666t em 1985 e de 104.491t em 1987. Estes números revelaram uma tendência de diminuição da produção do charque.

Ao se analisar a produção brasileira de charque nos últimos quatro anos constata-se que: a) A produção de charque neste período está pulverizada por diversos estados brasileiros; e b) Os estados que compõem o Brasil Central Pecuário produzem cerca de 85,60% do charque nacional, enquanto que São Paulo contribui com 65% e o Rio Grande do Sul com apenas 0,14%.

A partir do final da década de 70, surgiu no estado de São Paulo a produção de um novo produto, carne curada, salgada e dessecada de bovino, jerkedbeef, de tecnologia semelhante ao charque, porém, produzido em instalação melhor qualificada, embalado a vácuo, contudo, sem obedecer aos padrões oficiais atribuídos para o charque. Existem padrões oficiais específicos para o jerkedbeef (umidade máxima de 55%, matéria mineral máxima 18,3 % e atividade água máxima 0,78) sendo, ainda, permitida a utilização de nitrito, que lhe confere uma cor avermelhada, o que resulta em aspecto atraente para o consumidor (Figura 1). O período de fabricação (salga e exposição ao sol) do jerkedbeef é menor que o do charque, acarretando maior teor de umidade. Esses fatores resultam em menor custo de produção e, que provavelmente permitiram a sua grande expansão no mercado superando, inclusive, a produção do charque.

A produção média anual de charque e de jerked beef no período 2008 a 2012, conforme os registros do DIPOA/MAPA, foi de 228.115.802ton, sendo 84.275ton para o charque que



Figura 1.
Aspectos diferenciais entre o jerked beef e o charque.
Fonte: ANICS

corresponde a 37,00%. Enquanto que a produção de jerked beef, atingiu a média anual de 143.841ton, o que corresponde a 67,00%.

O preço atrativo do jerkedbeef e sua semelhança com o charque têm levado o consumidor brasileiro desavisado a substituir o tradicional charque por esse produto. Como o consumidor não faz distinção quanto ao uso do charque e do jerkedbeef, a culinária brasileira absorveu a produção média anual de 228.116t dos dois produtos, no período entre 2009 e 2012.

Considerações Finais

Ao aglutinar as informações pesquisadas sobre a origem e a história do charque através dos séculos, ficou patente que o seu consumo pela população brasileira era consagrado até algumas décadas passadas. Nos registros do Departamento de Inspeção de Produtos Animal DIPOA/ MAPA acessados na época, constatou-se uma surpreendente realidade: a diminuição significativa da produção do charque e o incremento de um produto similar jerked-beef. No momento, o charque brasileiro passa a conviver com um concorrente de menor custo de produção e o consumidor não faz a distinção entre os dois produtos.

Mesmo tendo o charque acompanhado a boiada ao longo das novas fronteiras a serem conquistadas, vislumbra-se dias sombrios para sua permanência na mesa do consumidor, porém, a dinâmica do mercado é que prevalecerá.

Outro fato digno de registro, mesmo não dispondo de dados estatísticos, é observar que a carne-de-sol, produto ainda largamente utilizado no Nordeste, teve seu consumo reduzido ou, talvez, não acompanhou o índice de crescimento populacional, principalmente, a partir do início da década de 60.

A produção da carne-de-sol nunca atingiu um patamar industrial, e sempre se limitou ao âmbito local, ou seja, os marchantes, além de serem responsáveis pelo abate dos animais, se dedicavam a sua fabricação, geralmente, em ambientes insalubres e com condições de higiene muito precárias.

Na tecnologia atual da fabricação da carne-de-sol, o produto não vai ao sol no período da manhã, como ocorria no passado, o que lhe permite maior teor de umidade, se fazendo necessária a sua conservação pelo frio.

À medida que a energia elétrica chegou aos lares dos nordestinos, os consumidores passaram a conservar as carnes pelo frio e a geladeira surgiu como a grande vilã para a produção local da carne-de-sol.

(IN) VIABILIZANDO O SEMIÁRIDO

Clovis Guimarães Filho¹

Avaliando a presente situação do semiárido, excluída, em termos, a área irrigada, confirma-se a total ineficácia dos programas de desenvolvimento rural nele implantados nas últimas décadas. Como é possível numa região que se propala como inviável, milhares de agricultores com precárias condições de crédito, de assistência técnica, de capacitação, de organização, de preços e mercados para seus produtos, enfim sem políticas adequadas de apoio teimarem, há tanto tempo em sobreviver? Alguma coisa, ainda não identificada e valorizada, essa região deve ter e não são apenas os votos. Os programas até agora levados a cabo pecaram por ignorar o ambiente econômico e sócio-institucional adverso, a lógica interna de funcionamento de suas unidades produtivas, assim como sua heterogeneidade. Os programas concebidos foram assistencialistas e extremamente setorizados, tratando apenas temas ou setores isoladamente, quase todos limitando a problemática do segmento agropecuário à questão tecnológica e, mesmo assim, "dentro da porteira". Exemplos bem característicos foram os programas de melhoramento genético de caprinos e ovinos, com farta e inconsequente distribuição de reprodutores "melhoradores", sem as ações simultâneas de melhoria das condições de alimentação e sanidade, necessárias à plena expressão de seu potencial. Resultados? Os relatórios oficiais só falam em quantos produtores foram "beneficiados" e quantos animais foram distribuídos. Os impactos, não foram avaliados, quer os positivos, quer os negativos. Entre estes últimos, com certeza, o aceleração de um processo de extinção dos ecotipos nativos, valioso material genético selecionado pela natureza durante mais de 460 anos, e o significativo e consequente aumento de preocupações e custos com alimentação dos rebanhos durante os períodos secos. Aliás, já estamos no quinto ano consecutivo da mais severa estiagem que assolou o semiárido nos últimos 40 anos e, até agora, parece que nenhum estado do Nordeste montou um programa de formação de estoques estratégicos de forragem para os rebanhos. Mas, alguns deles, já estão prontos para, assim que caírem os primeiros pingos d'água, iniciarem uma ampla distribuição gratuita de sementes de milho, um cereal agronomicamente não recomendado para a maior parte do semiárido. E depois? Sem problemas, temos o seguro garantia safra. Por que a persistência com este programa que estimula o cultivo do que se sabe que não dá para pagar o seguro porque não deu? Resultados análogos têm sido observados em outros programas. Até mesmo os treinamentos em "convivência com a seca" têm suas limitações. Como podemos nos arvorar de instrutores sobre o modo mais efetivo de conviver com a seca quando esses produtores que vão ser alunos conseguiram criar seus filhos passando a vida criando e plantando em sua propriedade praticamente sem água, sem assistência técnica, sem crédito, sem serviços de saúde, sem escola adequada para seus filhos, sem

transporte e sem comunicação? Não seria mais lógico que eles fossem os instrutores? Afinal quem detém PhD no tema são eles.

O semiárido possui uma grande diversidade. Não pode continuar a ser tratado como uma região única, homogênea. Urgem programas efetivos de desenvolvimento enfocando a noção de sistemas agroalimentares localizados, um conjunto de organizações de produção e de serviços rurais associadas por suas características e seu funcionamento a um espaço ou território específico. É preciso parar com as tentativas de imitar o que os outros fazem. Na Bahia começam a fazer "queijos finos" de leite de cabra com inspiração na França e Espanha. Ali mesmo na Bahia, na região de Remanso, existe o famoso "requeijão Cardoso", um queijo tradicional, de manteiga, de cor escura e sabor inigualável. Nenhum projeto para padronizá-lo e formalizá-lo ainda, a não ser o da inspeção sanitária estadual para proibir sua venda e fechar as fabriquetas. Como competir com os verdadeiros em um mundo globalizado? Não seria mais eficaz trabalharem a qualidade dos nossos queijos típicos? Ou produzirmos aneirem "cabrito da caatinga" com seu reduzido teor de colesterol e de calorias, além do sabor único, fruto de uma dieta a base de espécies típicas da nossa tão agredida e ainda desconhecida caatinga? Que outras regiões no mercado desses produtos competiriam conosco? É exatamente assim que os franceses e espanhóis trabalham em seus países.

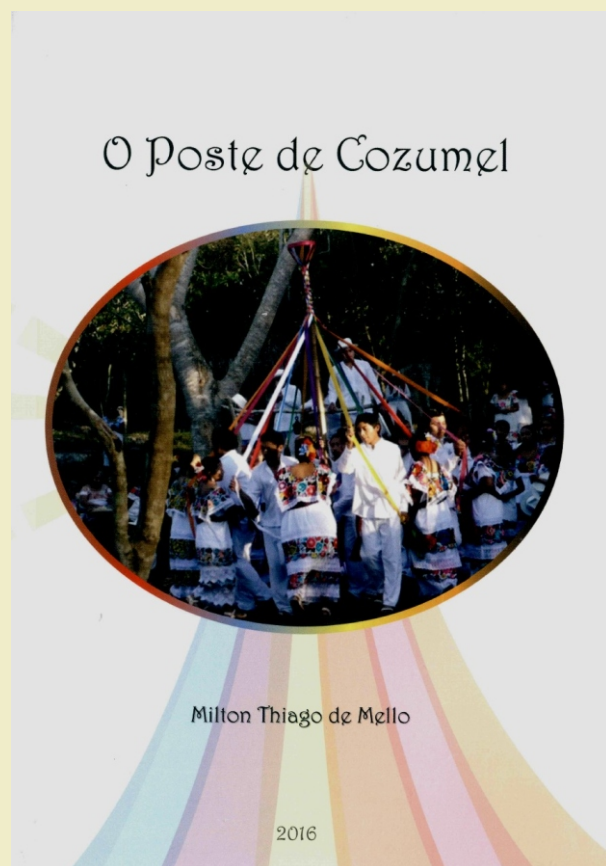
Somente o sertão pernambucano possui mais de 3 milhões de hectares de sequeiro que poderiam se tornar competitivos se melhor conhecidos e devidamente trabalhados. É importante que se conheçam não apenas os seus sistemas produtivos, mas, também, que se identifiquem e selecionem os estratos e grupos homogêneos de produtores de cada espaço diferenciado e selecionem e hierarquizem os problemas de ordem tecnológica e gerencial de cada grupo (restrições agrônômicas, econômicas e sócio-culturais que condicionam seus padrões e práticas agrícolas). Isso possibilitará uma análise muito mais eficaz da disponibilidade de inovações tecnológicas, gerenciais e organizativas para solucioná-los. Os métodos para operar esse passo fundamental estão aí à disposição, mas parece que, até agora, ninguém pensou em usá-los. A atual concepção dos programas de desenvolvimento rural tem uma visão curta de um horizonte meramente quadrienal, o que impede a plena apropriação desse acervo pelos órgãos responsáveis, confirmando que o problema de desenvolvimento do semiárido foi sempre muito mais de gestão do que de tecnologia.

¹Médico Veterinário, M.Sc. em Animal Science, pesquisador da Embrapa Semiárido, atualmente consultor em agronegócio da caprino-ovinocultura. Agraciado com o troféu Santo Elizeu (2014), pela Academia Pernambucana de Medicina Veterinária. E-mail: clovisgf@uol.com.br

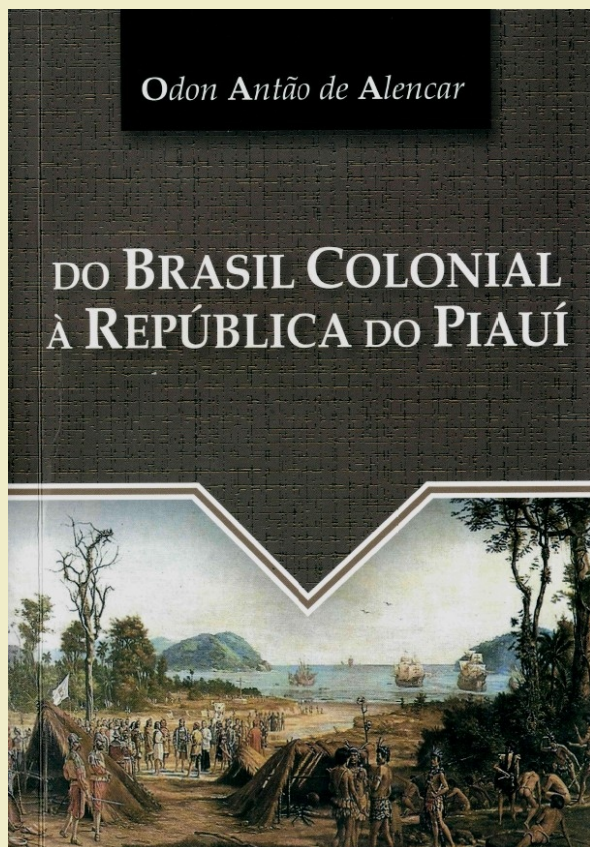
O POSTE DE COZUMEL

Na contemplação dos seus 100 anos de vida, o ilustre Professor e Acadêmico Milton Thiago de Mello se inspirou numa dança folclórica mexicana: as alegorias das faixas do Poste Cozumel, para registrar inúmeras transformações de grande relevância que foram vivenciadas por ele no Brasil e no exterior. Neste contexto histórico, o Prof. Thiago de Mello decidiu que o seu Poste de Cozumel abrigaria sete faixas alegóricas: Família, Exército, Veterinária, Ciência, Ensino, Sociedades e Vida internacional, sendo que várias das atividades dessas faixas foram cumpridas, simultaneamente, porém com muitas de suas ramificações se entrelaçando ao longo dos anos.

Para que as futuras gerações de médicos veterinários possam conhecer o relevante trabalho técnico-científico do centenário Presidente da Academia Brasileira de Medicina Veterinária, a obra também contempla seu vasto currículo como professor, pesquisador e consultor, além das muitas distinções e premiações que lhe foram conferidas por entidades brasileiras e internacionais, em reconhecimento ao seu profícuo trabalho em prol da profissão e da sociedade.



DO BRASIL COLONIAL À REPÚBLICA DO PIAUÍ



Esta nova incursão literária do Médico Veterinário Odon Antão de Alencar, que durante décadas foi reconhecido como um dos grandes estudiosos da biologia e ecologia de morcegos hematófagos no Nordeste, buscou ampliar a visão geral sobre o Brasil-colônia, descrevendo a origem de algumas comunidades indígenas e sua interação conflituosa com os invasores europeus, entendendo-se por abordagens relacionadas as primeiras levas de índios imigrantes que penetraram no Piauí pela foz do rio Parnaíba, e onde se dividiram em três grupos principais: Tabajaras, Potiguares e Cariris. Buscou enfatizar o fatiamento do Brasil através da doação das Capitanias Hereditárias aos portugueses. Sua explanação se deteve prioritariamente nas capitanias de Pernambuco e da Bahia, onde destaca a criação e o funcionamento dos três Governos Gerais do império dos presidentes provinciais, bem como sobre o Regime Monárquico. Esclarece, também, sobre a Colonização do Nordeste, com ênfase na pecuária e na agricultura, com a participação de índios negros.

Ressalte-se que o autor não esqueceu de descrever a transição do regime monárquico até o que ele denominou de "República do Piauí", desde 1894, com o Marechal Floriano Peixoto até o período da ditadura militar. Um capítulo especial foi dedicado ao movimento de independência do Piauí, onde foram resumidos inúmeros acontecimentos políticos da época. O trabalho literário desse valoroso piauiense foi iniciado com a publicação do livro "Minha vida nos baixios", onde ele reverencia sua querida terra natal.